

IEMANJÁ NO CEARÁ: A FESTA DA ALEGRIA E DA RESISTÊNCIA

Jean Souza dos Anjos¹, Violeta Maria de Siqueira Holanda²

Resumo: Este trabalho reflete sobre a Festa de Iemanjá no Ceará por meio de uma experiência na Praia do Cumbuco, litoral oeste do estado. A comunidade de terreiro da Cabana do Preto Velho da Mata Escura, liderada por Pai Valdo de Iansã, saiu do bairro Bom Jardim em ônibus fretado para celebrar o dia de Iemanjá, 15 de agosto de 2017, no município de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza. A tradição da Festa de Iemanjá do Ceará foi inaugurada por Mãe Júlia Barbosa Condante, há mais de cinquenta anos e hoje é a maior festa pública da Umbanda no estado. A metodologia usada é a observação, o uso de câmera fotográfica para a produção de imagens, além de bibliografia de referência. A festa produz memória, identidade e conhecimento, além de ser central na vida coletiva. A comunidade do terreiro citado, apesar de todas as dificuldades, encontra na Festa de Iemanjá a alegria e a esperança ao celebrarem o Orixá. Desta forma, concluiu-se que o dia de Iemanjá no Ceará é também o dia da alegria e da resistência afro-indígena-brasileira, pois a experiência do terreiro acompanhado é a experiência de muitos terreiros do Ceará que se deslocam de seus bairros e municípios para celebrar Iemanjá no litoral cearense.

Palavras-chave: Festa de Iemanjá. Umbanda. Religião. Fotografia.

INTRODUÇÃO

Iemanjá é um dos Orixás mais populares do Brasil. Suas festas levam milhares de pessoas aos litorais brasileiros, assim também como aos interiores do país. No Ceará, a Festa de Iemanjá acontece no dia 15 de Agosto, dia em que se celebra também Nossa Senhora da Assunção, padroeira da capital. A tradição da Festa de Iemanjá do Ceará foi trazida por Mãe Júlia Barbosa Condante, portuguesa que trouxe do Rio de

¹ Mestrando em Antropologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), bacharel em Ciências Sociais (UFC), especialista em Ciências da Religião (FCF), pesquisador do Laboratório de Antropologia e Imagem (LAI), e-mail: jeanjos09@gmail.com

² É docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2013), atualmente, coordena o Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidades (NPGS), vinculado à Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROPAAE/UNILAB), e-mail: violeta@unilab.edu.br

Janeiro a tradição da Festa de Iemanjá que acontece lá no mesmo dia de Nossa Senhora da Glória (PORDEUS JR., 2002).

Vallado (2008) indica que Iemanjá é a grande mãe africana do Brasil. Yemoja (Yeye Omo Eja) é a Mãe dos Filhos Peixes, divindade regente da pesca. O culto original de Iemanjá na África é como divindade das águas doces, sendo cultuada por toda a população ao longo do rio Ogum e depois em quase todo território iorubano. Diversos são as mitologias de Iemanjá como a que Prandi nos mostra.

Olodumare-Olofim vivia só no Infinito, cercado apenas de fogo, chamas e vapores, onde quase nem podia caminhar. Cansado desse seu universo tenebroso, cansado de não ter com quem falar, cansado de não ter com quem brigar, decidiu pôr fim àquela situação. Libertou as suas forças e a violência delas fez jorrar uma tormenta de águas. As águas debateram-se com rochas que nasciam e abriram no chão profundas e grandes cavidades. A água encheu fendas ocas, fazendo-se os mares e oceanos, em cujas profundezas Olocum foi habitar. Do que sobrou da inundação se fez a terra. Na superfície do mar, junto à terra, ali tomou seu reino Iemanjá, com suas algas e estrelas-do-mar, peixes, corais, conchas, madrepérolas. Ali nasceu Iemanjá em prata e azul, coroada pelo arco-íris Oxumarê. Olodumare e Iemanjá, a mãe dos orixás, dominaram o fogo no fundo da Terra e o entregaram ao poder de Aganju, o mestre dos vulcões, por onde ainda respira o fogo aprisionado. O fogo que se consumia na superfície do mundo eles apagaram e com suas cinzas Orixá Ocô fertilizou os campos, propiciando o nascimento das ervas, frutos, árvores, bosques, florestas, que foram dados aos cuidados de Ossaim. Nos lugares onde as cinzas foram escassas, nasceram os pântanos e nos pântanos, a peste, que foi doada pela mãe dos orixás ao filho Omulu. Iemanjá encantou-se com a Terra e a enfeitou com rios, cascatas e lagoas. Assim surgiu Oxum, dona das águas doces. Quando tudo estava feito e cada natureza se encontrava na posse de um dos filhos de Iemanjá, Obatalá, respondendo diretamente às ordens de Olorum, criou o ser humano. E o ser humano povoou a Terra. E os orixás pelos humanos foram celebrados. (PRANDI, 2001, p. 380-381).

Iemanjá é a grande mãe do mundo e mãe de todas as cabeças, dela nasceram todos os outros Orixás e é a ela que todas as glórias são dadas por seus admiradores e admiradoras. As festas de Iemanjá pelo Brasil são conhecidas pela alegria e pela resistência do povo de terreiro que segue, quando pode, para as beiras de praia saudar a Grande Mãe das Águas do Brasil. Este resumo mostra a experiência da ida de uma comunidade de terreiro para uma praia na região metropolitana de Fortaleza onde realizou o ritual da Festa de Iemanjá e celebrou o dia 15 de Agosto. Os/as umbandistas da Cabana do Preto Velho da Mata Escura foram para a Praia do Cumbuco, na cidade de Caucaia, às 13h do dia 15 de agosto de 2017 e retornaram às 18h no mesmo ônibus fretado pela

comunidade do terreiro. Acompanhei e fotografei toda a festa e relato aqui esta experiência antropológica.

METODOLOGIA

Cardoso de Oliveira (2006) nos indica que o trabalho do antropólogo é olhar, ouvir e escrever. Venho acompanhando a Festa de Iemanjá de Fortaleza desde 2008 e a Festa de Iemanjá do Rio Vermelho, em Salvador, desde 2011. Sempre senti vontade de participar da festa desde o início, de forma que me locomovesse do terreiro até a praia. Este ano, finalmente tive a oportunidade de sair do terreiro e ir no ônibus, junto com a comunidade, até o local da festa. Pai Valdo de Iansã me autorizou também a fazer fotografias, desde a saída do terreiro até a volta dentro do ônibus. A observação me permite escrever sobre essa experiência que foi seguir do bairro Bom Jardim, periferia de Fortaleza, até a Praia do Cumbuco, litoral oeste do Ceará.

É caro à Antropologia o uso da produção de imagens e vídeos. Novaes (2009) lembra que os antropólogos se debruçam sobre mitos, máscaras e rituais procurando, mediante uma análise minuciosa, elementos que permitam a eles uma melhor compreensão da organização social de determinada sociedade, os valores que orientam padrões de comportamento, as categorias básicas de um pensamento tipicamente humano. As imagens fotográficas revelam tal como esses aspectos da organização social e outros elementos da cultura material, dados fundamentais sobre a nossa própria sociedade e sobre o nosso modo de pensar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Cabana do Preto Velho da Mata Escura celebra a Festa de Iemanjá na Praia do Cumbuco por ser uma praia “tranquila” e poder realizar o culto ao Orixá com “sossego”. Vários terreiros em Fortaleza têm realizado suas festas no dia 15 de agosto em praias distantes. É o caso também do Centro Espírita de Umbanda Jesus Maria e José, de Mãe Balbina e Mãe Gardenia, que celebram Iemanjá na Prainha em, Aquiraz. A opção de sair do fluxo de celebrações da orla de Fortaleza tem sido uma opção para os terreiros

ganharem mais privacidade e segurança. A figura 1 mostra a tranquilidade da festa do terreiro na praia do Cumbuco.

Figura 1- Festa de Iemanjá [Fotografia/JeanDosAnjos/2017]



Percebi que, mesmo com o sacrifício do deslocamento para uma praia mais distante da cidade, a comunidade estava eufórica pela festa. Havia muita alegria entre os umbandistas que cantavam e louvavam para Iemanjá dentro do ônibus tanto na ida para a praia como na volta para o terreiro. Os atabaques e os pontos cantados anunciavam pelas ruas e avenidas onde o ônibus passava que o povo de terreiro da cidade resiste e não deixa de celebrar a Rainha do Mar no seu dia.

O Brasil tem passado por um histórico de violência contra os povos de religiosidades afro-indígena-brasileiras e perceber que a Festa de Iemanjá continua em sua tradição de mais de cinquenta anos é entender que a resistência se faz nas lutas e nas alegrias cotidianas. O sentido é de comunidade onde todos e todas se juntam para tornar a festa possível. É preciso lembrar que Umbanda significa união. Nessa união e alegria a

Festa de Iemanjá se torna potente arma contra o preconceito étnico-racial e a intolerância religiosa. A alegria se sobrepõe ao temor.

CONCLUSÕES

Concluo que a resistência do povo de terreiro se faz com os corpos em movimento e com a festa para os Orixás. A Festa de Iemanjá da Cabana do Preto Velho da Mata Escura mostra que a esperança vence o medo. É na insistência do povo umbandista que a Festa de Iemanjá acontece todos os anos, muitas vezes sem nenhum recurso do poder público, mas somente com a solidariedade da própria comunidade do terreiro.

Deste modo, a Festa de Iemanjá é um ritual que celebra a vida humana e produz memória para o povo de terreiro. Como produto da realidade social a Festa de Iemanjá é produção de cotidiano, de conhecimentos e de identidades.

AGRADECIMENTOS

À comunidade da Cabana do Preto Velho da Mata Escura.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

REFERÊNCIAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem e ciências sociais: Trajetória de uma relação difícil. In. BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana (orgs). **Imagem-Conhecimento**: Antropologia, cinema e outros diálogos. Campinas, SP: Papyrus, 2009. p. 35-59.

PORDEUS Jr., Ismael. Umbanda: **Ceará em transe**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

VALLADO, Armando. **Iemanjá, a grande mãe africana do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.